

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

**A EDUCAÇÃO DIALÓGICA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO
E FORMAÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS.¹
DIALOGICAL EDUCATION AS AN INSTRUMENT FOR TRANSFORMATION
AND TRAINING OF HEALTHY FOOD HABITS.**

**Franciéli Aline Conte², Walter Frantz³, Cristiane Tarine Müller Giroto⁴,
Maristela Borin Busnello⁵, Lígia Beatriz Bento Franz⁶**

¹ Trabalho original, doutoranda.

² Nutricionista, Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unijui.

⁴ Nutricionista, mestranda do PPGEAC da Unijui

⁵ Nutricionista, professora doutora da Graduação em Nutrição e Pós Graduação do PPGEAC da Unijui

⁶ Nutricionista, professora doutora no curso de Nutrição e do PPG em Atenção Integral à Saúde

RESUMO:

Introdução: a urbanização e industrialização provocaram mudanças globais na forma de se alimentar, atingindo a todas as faixas de idade, incluindo crianças, que são vítimas desse modelo global. Seus responsáveis, por vezes não tem consciência a cerca da sua alimentação e do que fornecem aos seus filhos, constituindo um problema de educação alimentar. Esse estudo objetiva responder a seguinte questão: como os pais podem construir um conhecimento sobre os malefícios relacionados à alimentos ultra processados, consumidos por eles e fornecido aos seus filhos? Esse estudo será baseado em leituras e reflexões a respeito da temática, utilizando livros e artigos científicos do campo na nutrição, da educação e da história. **Resultados e Discussões:** crianças, desde cedo recebem produtos alimentícios ultra processados, os quais, são responsáveis pela formação de maus-hábitos alimentares, obesidade e problemas de saúde já na infância. Pais e familiares necessitam ser educados e orientados a respeito dessa temática, em especial, as populações em maior vulnerabilidade social e econômica. **Conclusão:** mudar esta realidade exige a mudança do modelo de produção alimentar, exige a educação dos pais e familiares a respeito dos malefícios desde tipo de produto, bem como, exige uma formação profissional diferenciada, que seja capaz de promover a conscientização e a autonomia da população.

Palavras-chave: Nutrição da Criança; Educação Alimentar e Nutricional; Educação Profissional em Saúde Pública;

Introduction: Urbanization and industrialization have led to global changes in how we feed, reaching all age groups, including children, who are victims of this global model. Those responsible are sometimes not aware of their food and what they provide to their children, and it

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

is a food education problem. This study aims to answer the following question: How can parents build a knowledge about the harms of ultra-processed foods consumed by them and provided to their children? This study will be based on reading and reflections on the subject, using books and scientific articles of the field in nutrition, education and history. Results and Discussion: children, from an early age receive ultra-processed food products, which are responsible for the formation of poor eating habits, obesity and health problems already in childhood. Parents and families need to be educated and oriented about this issue, especially the populations in greater social and economic vulnerability. Conclusion: Changing this reality requires changing the model of food production, requires the education of parents and family members regarding the harm caused by product type, as well as, requires a differentiated professional formation that is capable of promoting the awareness and autonomy of the population.

Keywords: Child Nutrition; Food and Nutrition Education; Education, Public Health Professional

1 INTRODUÇÃO:

A obesidade e as doenças crônicas são, na atualidade, grandes problemas de saúde pública, que afetam crianças (PONTE, 2012), adultos e idosos de todas as camadas sociais, em especial, entre as pessoas de menor renda e escolaridade (FRANCISCO et al, 2015). É comum ouvirmos falar de pessoas “mais antigas” (pais e avôs) que a alimentação de “antigamente” era bem diferente, e que muitos produtos que existem hoje, não existiam naquela época.

Isso pode ser facilmente explicado pela chamada globalização e industrialização que levaram a chamada transição alimentar e nutricional, provocando mudanças nos padrões dietéticos e nutricionais da população brasileira em todos os estratos sociais e econômicos. Estas mudanças promoveram a redução das prevalências nos déficits nutricionais e expressiva elevação do sobrepeso e obesidade (BATISTA FILHO; RISSIN, 2003).

A urbanização, em conjunto com a revolução industrial, a aceleração nas taxas de natalidade entre 1950 a 1980 tiveram parte nestas mudanças. Para além disso, a entrada da mulher no mercado de trabalho (nos anos 70), ocasionou drásticas mudanças nos hábitos alimentares das populações, especialmente, pela falta de tempo para o preparo da alimentação da família, ocasionando uma preferência pelo consumo de alimentos fora do lar, pela compra e consumo de alimentos industrializados e *fast-foods* (DE SOUZA, 2010). A refeição antes natural, preparada em casa, agora, passa a ter “ingredientes novos, de fácil preparo”.

Os produtos prontos passam a ser, cada vez mais atrativos, por serem, na maioria das vezes, ricos em açúcares, gorduras e em condimentos artificiais (aditivos químicos alimentares), o que promoveu “melhor” coloração, cheiro, consistência e melhor aspecto visual (CONTE, 2016), atraindo os cinco sentidos do corpo humano.

Refeições e lanches rápidos puderam ser consumidos em qualquer hora e lugar, contribuindo

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

deste modo para os elevados índices de sobrepeso e obesidade na população mundial (*op cit*). Entretanto, tais produtos, caracterizam-se pelo elevado teor calórico e baixo ou isento de valor nutricional (vitaminas e minerais), passando a ser produzidos com baixo custo, permitindo um baixo valor de venda e uma crescente demanda.

Estes chamados “produtos” e não alimentos, favorecem, além da obesidade, às dislipidemias, hipertensão arterial, diabetes e até mesmo a determinados tipos de câncer (CONTE, 2016). O consumo de alimentos prontos (embalados/processados), como salgadinhos, biscoitos recheados, refrigerantes, sucos artificiais, *fast foods*, crescem drasticamente em países desenvolvidos e também em países de renda média, como no Brasil (LOUZADA et al, 2015). O fato mais preocupante é que estes produtos são oferecidos a crianças antes mesmo dos seis meses de idade (TOLONI et al, 2014; GUESTA et al, 2017), contribuindo à formação de hábitos alimentares questionáveis, considerando-se a saúde dos consumidores.

Em decorrência de tais considerações, questiona-se: como pais, mães, avós, familiares, amigos, podem consumir e também fornecer esse tipo de produto para as crianças? Será que os pais/responsáveis sabem o grande mal que estão fazendo? Existe diferenças entre as distintas classes sociais? Quem pode modificar essa cultura? Ela pode ser modificada? Quem educará os pais? Assim, através de tantas inquietações, este estudo buscará responder a seguinte questão: como os pais podem construir um conhecimento sobre os malefícios relacionados à alimentos ultraprocessados, consumidos por eles e fornecido aos seus filhos?

2 METODOLOGIA

Este manuscrito é oriundo de estudos bibliográficos e reflexivos através da problemática de alimentos ultra processados na alimentação de crianças, utilizando como base teórica, para a problematização, artigos científicos que retratam a história e as características destes alimentos e do modelo alimentar global, indexados em sites de busca como Google Acadêmico e Scielo.

Para a elucidação da pergunta de pesquisa, foi utilizado como referencial teórico duas principais obras do pedagogo Paulo Freire: *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido e *Pedagogia da autonomia*. O texto decorre de estudo bibliográfico a respeito da problemática, isto é, *nasce* do caminho da leitura e da reflexão. Segundo Mario Osorio Marques, leituras se constituem caminhos amplos de interpretação e compreensão da realidade social. Leituras “não só das dos livros, mas das do mundo, das da vida, de nossas conversas de uns com outros, de nossas prévias experiências, isto é, de nossa capacidade de dizer a outrem o que aprendemos” (MARQUES, 1998, p. 112).

Afirma o autor (1995, p. 62): “Não há método definitivo ou válido em si mesmo, mas os métodos geram-se, concriam-se em vinculações profundas com as situações mutantes e nos espaços e momentos diversos em que ocorre a aprendizagem”. Apontando caminhos ao pesquisador, Mario Osório Marques (1998, p. 93) escreve: “Começamos de fato a pesquisar

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

quando começamos a escrever a partir de um tema, assunto, hipótese, título”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O modelo de alimentação global é na atualidade um problema emergente, em especial às camadas sociais de baixa renda e baixa escolaridade. A alimentação tendo como base elevado uso de produtos ultra processados é responsável por uma infinidade de agravos antes não existentes, como obesidade, síndrome metabólica, doenças cardiovasculares. Já o fornecimento desse tipo de produto à crianças, repercute não apenas no vício a esse tipo de “alimento”, mas também sobre o desenvolvimento da obesidade e de diversas doenças já na infância (ROCHA et al, 2017), entre elas, a síndrome metabólica.

Os hábitos alimentares são formados por dois principais fatores, o primeiro, relacionado a questões fisiológicas, como experiências intrauterinas, amamentação, paladar, repulsa de alimentos novos (neofobia), entre outros. O segundo está relacionado a questões de ordem social (alimentação dos pais/cuidadores), a alimentação das pessoas do círculo de convivência, questões econômicas, midiáticas, entre outras (Valle, Euclides, 2007).

Santana, Oliveira e Clemente (2015) afirmam que o hábito de comer saudável (em quantidades suficientes e estar qualitativamente completa), “ou não” (grifo nosso), dependerá da experiência, da observação e da educação estabelecidas nos primeiros anos de vida e seguirão até a fase adulta. Assim, o acesso (ou não acesso) a alimentos naturais, integrais, minimamente processados, serão determinantes dos hábitos alimentares da infância e possivelmente vida adulta, bem como o acesso (ou não acesso) de alimentos ultra processados.

Na idade adulta, os hábitos alimentares dependerão dos hábitos já estabelecidos, mas também sofrerão influências de questões culturais, educacionais, familiares, financeiras (MORAES, 2014), além de questões relacionadas a região, a residência em meio urbano ou rural, ao acesso a feiras, do tempo de preparar ou não refeições em casa, ter ou não companhia, aderir ou não à publicidade, ao consumo de determinadas marcas de produto, etc.

O mercado de produção de alimentos, na atualidade, transformou-se em uma economia potente, capaz de produzir todos os tipos de alimentos prontos e semi prontos. Possibilitou, junto e através da utilização de processos industriais e da química, prolongar a vida útil dos produtos, mantendo suas características organolépticas (BRASIL, 2013).

O marketing por meio da televisão, *outdoors*, rádios, de impressos e das mais diversas formas, possibilitou maior atratividade dos produtos, além da ideia de que podem estar consumindo determinados produtos prontos que além de saborosos, são “saudáveis” e baratos. A publicidade promove o interesse dos consumidores estimulando o desejo de consumo /compra utilizando-se de uso de sons, imagens e movimentos que promovem atenção, o desejo aos espectadores (BRASIL, 2013).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Os chamados alimentos processados, que carregam “grandes marcas”, fazem parte da chamada cultura de massa, que possui um alcance global/universal. Os produtos dessa cultura são feitos e adaptados às massas, com a intenção não de satisfazer as necessidades da população, mas sim de sustentar a ideologia mercantil dominante, está reduzida à espetáculos de entretenimento (telenovelas, músicas, *reality shows*), a marcas de roupas, alimentos, entre outros, produzidos pelo capital, que podem ser acessados em todas as classes sociais, promovendo sentimento de “pertencimento”, igualdade, poder, satisfação (FABIANO, SILVA, 2012). Esta publicidade e globalização, por sua vez estão ligadas aos interesses desse mesmo capital.

A ideia de pertencimento, do acesso a “bens de consumo universal” é interessante, em especial, quando determinados produtos se tornam a marca de uma “cultura”, que é tida como boa, como saudável, ou mesmo como “inofensiva”, então cria-se a ideia de que não há problemas em fazer o uso/consumo dos mesmos, nem mesmo há problemas em oferecer aos filhos pequenos.

Os autores Giesta e colaboradores (2017), ao estudarem os fatores associados à introdução precoce de alimentos ultra processados entre 300 crianças menores de dois anos, constaram que 56,5% das crianças menores de seis meses já haviam recebido algum tipo de produto ultra processado e os principais fatores associados a esta “ação” foram baixa escolaridade materna, baixa renda familiar, elevada idade materna e paridade foram associadas à oferta de alimentos ultra processados.

Deste modo, verifica-se que a falta de conhecimento ou mesmo consciência a respeito do que se deve ou não ser ofertado às crianças nos primeiros meses de vida, ou mesmo durante os primeiros anos de vida parece ainda ser uma “lacuna”. A orientação por profissionais como nutricionistas, médicos, pediatras a respeito da introdução de alimentos às crianças, é, deste modo, uma tarefa de extrema relevância.

A falta de conhecimento ou de conscientização por parte dos pais/responsáveis, familiares é a principal causa do fornecimento precoce de alimentos inadequados às crianças, e segundo Giesta et al (2017) está relacionado, entre outros fatores, ao baixo grau de instrução dos pais e familiares. Assim, a “solução” para mudar esta realidade estará, principalmente, na educação e conscientização dos pais e familiares. Entretanto, este trabalho de educação não é simples e vai muito além de indicações e prescrições.

Faz-se necessário o indicativo dos “porquês”, ou seja: a importância do diálogo, da conscientização, que em uma concepção freireana^[1] (FREIRE, 2009), se chamaria de educação dialógica, emancipadora, não bancária, ou seja: não baseada apenas em um depósito de informações, e sim na percepção e reconhecimento da realidade vivida, na perspectiva da formação dos hábitos alimentares, no crescimento, desenvolvimento, na saúde, “afinal, nenhum pai/mãe/familiar/responsável deseja o mal para seus (as) filhos (as)”.

Para isso, necessita-se de profissionais qualificados, com uma formação universitária diferente do modelo atual, e de outra questão complexa a respeito dos pais/familiares, que é a educação, em

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

um contexto que vai além da alfabetização.

A universidade deve, segundo Guimarães e Silva, (2010, p. 2554), direcionar seus interesses às camadas populares e rever seus conteúdos de ensino e os seus processos de ensino e aprendizagem, a fim de criar uma nova mentalidade onde se exige tanto dos alunos, quanto dos professores a disponibilidade para elaboração e participação de projetos, que podemos chamar de projetos com engajamento social.

A união dos setores da saúde e educação devem, segundo Ceccim e Feuerwerker (2004), voltar suas funções para a formação na área da saúde através de cursos, programas e escolas de formação que possibilitem elevar a capacidade educativa alunos, formando uma nova geração de profissionais que possibilitem o engajamento de decisões políticas com participação popular.

Nesta perspectiva, profissionais da saúde deverão ser detentores de saberes técnicos, mas principalmente, de habilidades e valores, que permitam o funcionamento do sistema de saúde com foco principal na vida das pessoas SILVA et al., 2010). Neste sentido, o uso de metodologia participativa, utilizando como base o diálogo com as classes populares, deve ser um dos focos da educação em saúde, e neste caso, da educação nutricional.

Para além disso, segundo Ceccim e Carvalho (2006) se faz necessário ultrapassar a noção específica de cada profissão e instituir a multiprofissionalidade, possibilitar espaços aos usuários de saúde pública e ampliar a interação com os serviços de saúde, fortalecendo deste modo a interação entre o mundo do trabalho e do ensino.

Na óptica de Busnello (2014, p. 52-53), deve-se buscar respeitar os saberes populares e ir em busca de uma cidadania compartilhada, bem como realizar a “implementação de políticas de educação públicas de saúde e de educação que favoreçam, apoiem, estimulem os processos de transformação das práticas educativas e de formação”.

A realização de práticas educativas que valorizem o “ensinar a pensar certo”, ou seja: problematizar e refletir acerca do tema abordado, realizado através do diálogo, de questionamentos permite que os sujeitos sejam capazes de produzirem conhecimentos com base na reflexão a partir do diálogo e da problematização, repercutindo em mudanças, em transformação social (FREIRE, 2010b).

No caso da educação alimentar, vê-se, deste modo, a possibilidade em abordar os alimentos consumidos, presentes em seu cotidiano (sendo parte dos hábitos alimentares), de modo a problematizar os seus constituintes e os possíveis efeitos (negativos) sobre a saúde, a curto, médio e longo prazo, de modo que possibilite a reflexão, conscientização e escolha (compra) consciente e crítica, possibilitando mudança no comportamento alimentar individual e da família, inclusive das crianças.

Czeresnia (2004, p. 47-48) menciona que para fortalecer a saúde é necessário que os

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

indivíduos sejam capazes de realizar escolhas e utilizar o conhecimento com discernimento, haja visto que, a promoção da saúde envolve o fortalecimento da capacidade individual e coletiva para lidar com a multiplicidade dos condicionantes da saúde”, sendo a alimentação uma delas.

É importante, neste processo, segundo Busnello (2014, p. 58) “ouvir o outro e, falar com ele”, a fim de perceber os determinantes das muitas desigualdades presentes na vida das pessoas. Segundo a autora, “estabelecer espaços do compartilhamento do saber, da detecção dos problemas que afligem as pessoas, sem considerar como estes modos de viver se estabelecem”, não é possível “pensar em ações que mudem o modo de agir e enfrentar estes problemas”. Segundo ela, “o cuidado com a vida possibilita afirmação de autonomia, enfrentamento de forma digna dos adoecimentos e sofrimentos e o fortalecimento da capacidade em possibilitar escolhas éticas, sustentáveis e condizentes com a vida humana digna.

Neste sentido, na perspectiva de problematizar a questão da alimentação inadequada fornecida às crianças por seus pais/familiares, pontuamos algumas possíveis ações que podem ser capazes de promover mudanças neste cenário, considerando:

- 1) Formação de acadêmicos diferenciada, engajada a programas e problemas sociais, que utilizam metodologia de ensino problematizador, dialógico, capaz de promover reflexão crítica e autonomia dos sujeitos envolvidos.
- 2) Utilização de materiais didáticos disponíveis pelo Governo Federal a respeito da alimentação ideal em “confronto” com a alimentação real dos envolvidos, de modo que possibilite a tomada de consciência e a capacidade de escolha.
- 3) Mudança de legislação a respeito da produção de alimentos ultra processados.
- 4) Acesso a alimentos saudáveis e economicamente viáveis.

Estas e outras questões aqui propostas podem servir como instrumento de mudança em um cenário local. Reconhecemos que esta mudança deve vir, principalmente de não produção de produtos alimentícios desnecessários e prejudiciais à saúde e que isto depende de “forças maiores”, mas também de uma população conscientizada, capaz de “boicotar” a compra desses produtos.

Reconhecemos que estes mesmos produtos possuem grande atratividade não apenas sensorial, e não apenas por parte das crianças, mas também de adultos, que tem a possibilidade de compra-los, devido a sua grande oferta e preço acessível. E assim, pontuamos que são questões complexas de serem resolvidas, que necessitam de um processo de longo prazo.

Pontuamos ainda a questão da baixa escolarização e das desigualdades sociais encontradas no Brasil, como sendo as principais razões pela qual as pessoas tenham hábitos alimentares não saudáveis, além do fácil acesso à produtos não saudáveis e da influência midiática. Deste modo,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

cabe à nós educadores e profissionais da saúde conscientizar e mostrar outras possibilidades de consumo, que sejam saudáveis e não onerosas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos na atualidade, problemas nutricionais relacionados à transição alimentar e nutricional provocada pela produção e consumo global dos chamados produtos ultra processados, que permitiu fácil acesso e baixo custo de compra, em todas as camadas sociais, em especial, as camadas de baixa renda.

O consumo de produtos ultra processados inicia-se já na infância, mediante o fornecimento destes produtos pelos pais/responsáveis, ou familiares. Tal ação faz com que estes mesmos produtos façam parte dos hábitos alimentares da criança, que, além de serem levados para a vida adulta, resultarão, em muitos casos, em obesidade e doenças crônicas não transmissíveis.

Mudar esta realidade não é tarefa fácil e nem mesmo de curto prazo, visto que exige a parada de produção destes produtos alimentícios (mudança na legislação), exige, a educação, conscientização e emancipação dos sujeitos/populações, sendo necessário para isso, o uso de metodologias críticas, dialógicas, emancipatórias, como proposto por Freire, entretanto, para isso, exige-se a formação de profissionais da saúde formados nesta mesma lógica.

Este modelo de trabalho deve ser feito localmente e de modo globalizado, isto é, realizado em pequenos grupos, em comunidades locais, em programas de saúde, em escolas, porém, em todas as regiões.

REFERÊNCIAS

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. **Cad. Saúde Pública**, 19(Sup. 1): S181-S191, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Industrialização e Distribuição de Alimentos no Brasil**. 4. ed. atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2013.

BUSNELLO, Maristela Borin. **Grupos de mulheres do meio rural**: espaço educativo e cuidado de si / Maristela Borin Busnello. – Ijuí, 2014. Tese (doutorado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí e Santa Rosa). Educação nas Ciências. 124 f.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

CECCIM, R. B.; CARVALHO, Y. M. Ensino da saúde como projeto da integralidade: a educação dos profissionais de saúde no SUS. In: CECCIM, R. B.; PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. **Ensinar saúde:** a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2006.

CECCIM, R. B. A emergência da educação e ensino da saúde: interseções e intersectorialidades. **Revista Ciência & Saúde**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 9-23, jan./jun. 2008.

CONTE, F. A. Efeitos do consumo de aditivos químicos alimentares na saúde humana. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 181, junho, 2016.

CZERESNIA, D. **Promoção da saúde:** conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

FABIANO, Luiz Hermenegildo, SILVA, Franciele Alves da. Massificação cultural, práticas educativas e autonomia social. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 12, n. 37, p. 1065-1084, set./dez. 2012.

FRANCISCO, P. M. S. B et al. Desigualdades sociodemográficas nos fatores de risco e proteção para doenças crônicas não transmissíveis: inquérito telefônico em Campinas, São Paulo. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 24, n.1, p.7-18, jan-mar 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 16ª ed. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010b.

GIESTA, J. M, et al. Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. **Cien Saude Colet** [periódico na internet], out, 2017. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-associados-a-introducao-precoce-de-alimentos-ultraprocessados-na-alimentacao-de-criancas-menores-de-dois-anos/16467?id=16467&id=16467&id=16467&id=16467>. Acesso em 11 maio 2018.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

LOUZADA, M. L. C et al. Impact of ultra-processed foods on micronutrient content in the Brazilian diet. **Rev Saúde Pública**, v. 49: n.45, 2015.

MARQUES, M. O. **A Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência**. Ijuí: Editora UNIJUI, 1995.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: UNIJUI, 1998.

MORAES, R. W de. **Determinantes do comportamento alimentar: uma revisão com foco na família**. Trabalho de Conclusão de Curso em Nutrição. Universidade Federal do Rio Grande do sul, 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108992/000949581.pdf;sequence=1>

ROCHA, N. P et al. Associação entre padrão alimentar e risco cardiometabólico em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 93, n. 3, p. 214-222, jun 2017

SANTANA, M. K. L; OLIVEIRA, C. M; CLEMENTE, H. A. Influência da publicidade de alimentos direcionada ao público infantil na formação de hábitos alimentares. **Rev UNI-RN, Natal**, v.14, n. 1/2, p. 125-136, jan./dez. 2015

SOUZA, E. B de. Transição nutricional no Brasil: análise dos principais fatores. **Cadernos UniFoa**, 13 ed, 2010.

PONTE, C. C. Obesidade em idade pediátrica e resistência à insulina: causas e consequências. Monografia. Faculdade de Medicina, **Universidade do Porto**, 2012.

TOLONI, M. H. A. et al. Consumo de alimentos industrializados por lactentes matriculados em creches. **Rev Paul Pediatría**, v. 32, n. 1, p. 37-43, 2014.

VALLE, J. M. N; EUCLYDES, M. P. A formação dos hábitos alimentares na infância: uma revisão de alguns aspectos abordados na literatura nos últimos dez anos. **Revista APS**, v.10, n.1, p. 56-65, jan./jun. 2007

[1] A concepção freireana aqui trata de um método de educação proposta por Paulo Freire, em que a educação deveria ser baseada no diálogo, em uma relação de igualdade, com a finalidade de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

promover a autonomia e emancipação dos sujeitos, através de problematizações, de uma reflexão crítica a respeito do tema. Deve ser baseado em uma linguagem compreensível, que promova “sentido” e possibilidade de mudança (FREIRE, 2009).